



BRANDÃO, S. M. Critério(s) para identificação da auxiliaridade verbal no Português Brasileiro. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 2, n. 2, jul.-dez., 2017. [www.falangemiuda.com]

## CRITÉRIO(S) PARA IDENTIFICAÇÃO DA AUXILIARIDADE VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

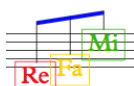
Sílvia Maria Brandão<sup>1</sup>

**Resumo:** É consenso entre os linguistas que os verbos envolvem experiências humanas pertencentes ao domínio biossocial, mas os critérios adotados na identificação da auxiliaridade verbal nem sempre são os mesmos. Portanto, nosso objetivo principal é apresentar um panorama acerca da ideia de verbo auxiliar, visto por meio da noção de gramaticalização (HEINE, 1993), e uma síntese dos critérios adotados na identificação da auxiliaridade por estudos linguísticos brasileiros de diferentes perspectivas teóricas (REIS, 1972; LOBATO, 1975; ILARI, 1979; LONGO, 1990; DECARIS, 1997). Embora não haja um consenso entre as propostas, há denominadores comuns que reforçam a ordenada heterogeneidade do sistema linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

**Palavras-chave:** verbos auxiliares; gramaticalização; Português Brasileiro.

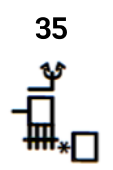
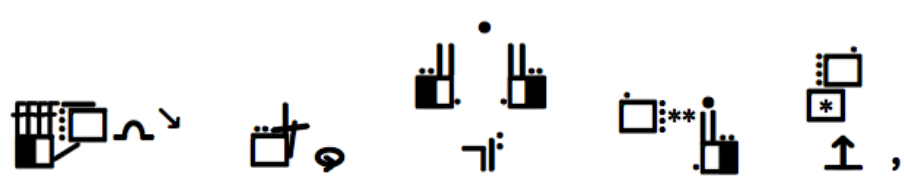
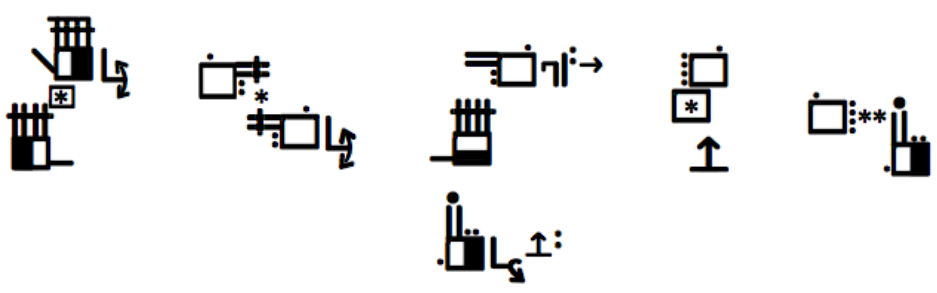
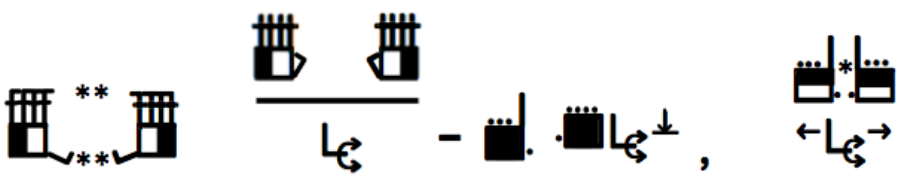
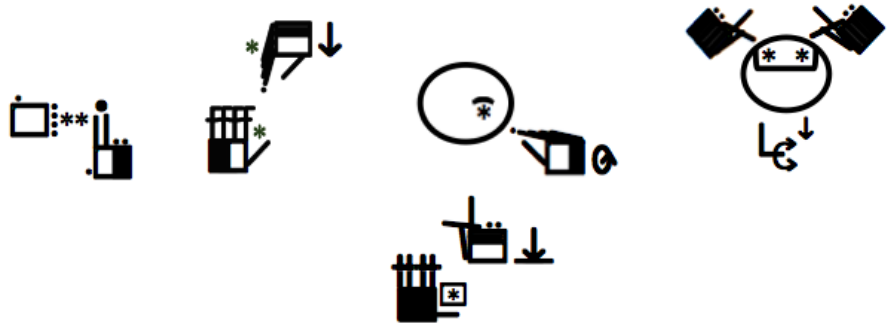
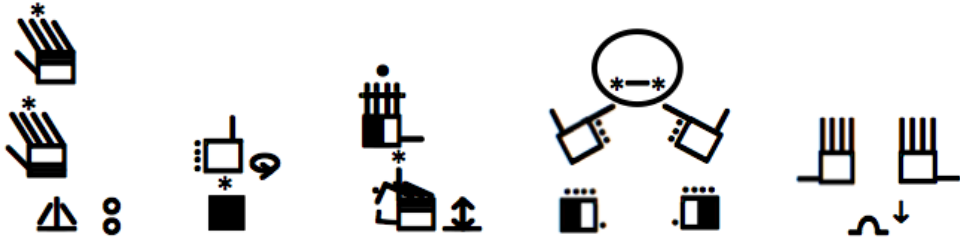
<sup>1</sup> Mestranda da Universidade Estadual de São Paulo – Campus Araraquara-SP. Bolsista CAPES. [silviafclar@gmail.com](mailto:silviafclar@gmail.com)

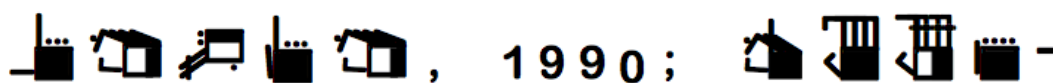
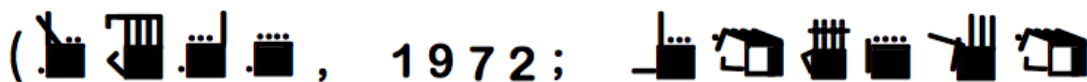
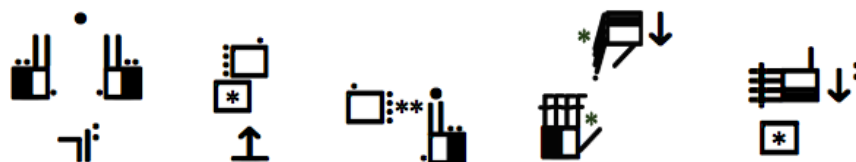
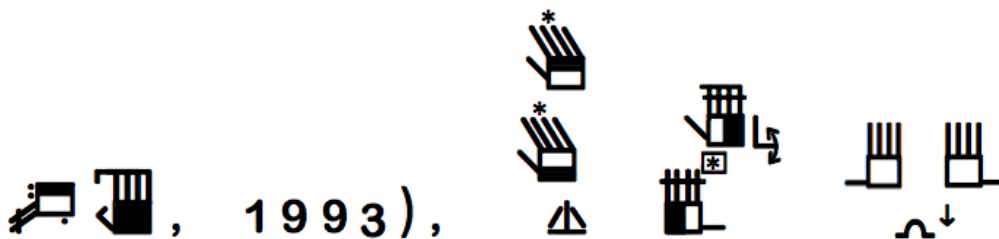
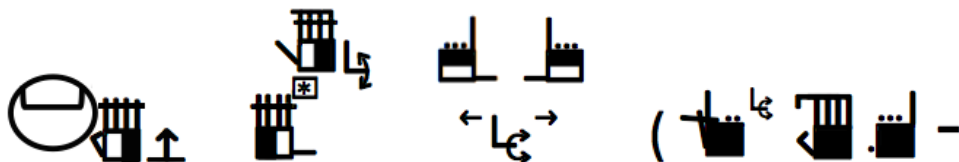
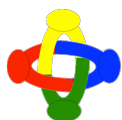
Ano 2, N. 2, jul.-dez., 2017.

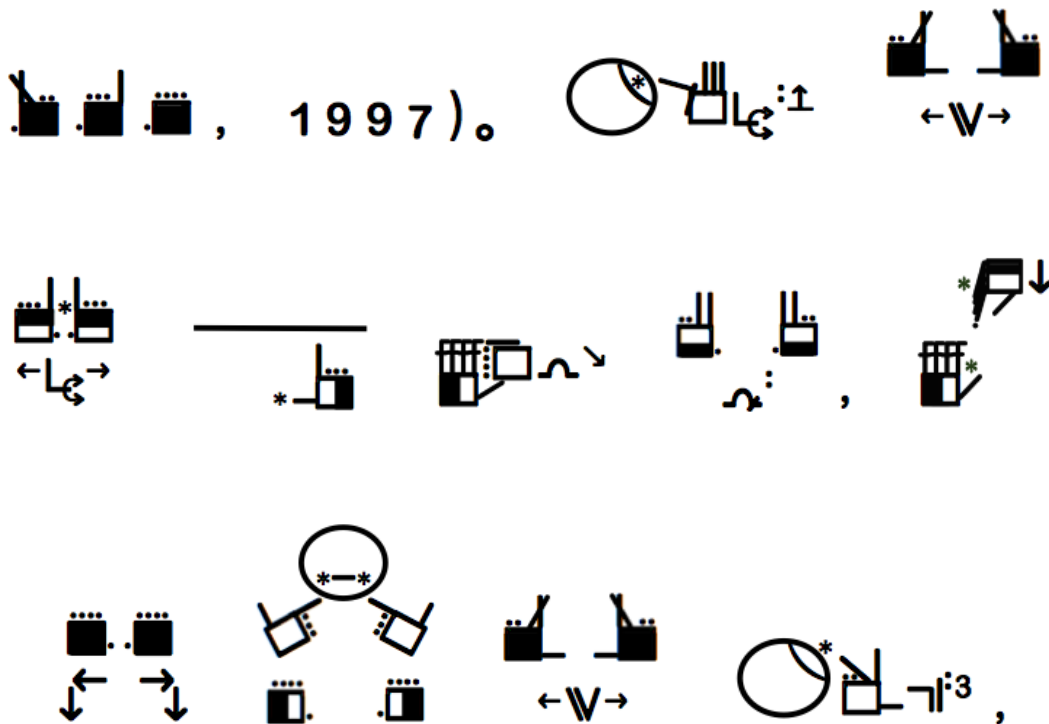


[www.falangemiuda.com.br]







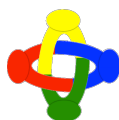


## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Noções como interação, propósito comunicativo, não-autonomia e dinamicidade são centrais dentro de algumas correntes linguísticas, como o funcionalismo (DIK, 1989), por exemplo. Tais noções, quando incorporadas aos estudos da linguagem, conferem à língua - constructo social e, portanto, heterogêneo – o atributo de estar sempre em um processo gradual de evolução. Desse modo, é inconcebível enxergarmos a língua como um objeto estático.

Um dos processos que ocorre nas línguas, em termos de dinâmica, é a gramaticalização (HOPPER; TRAUGHOTT, 2008; HEINE, 1993) que consiste, grosso modo, na transformação de uma forma inicialmente lexical em uma gramatical. Tal processo pode ser observado tanto sincrônica quanto diacronicamente e ocorre, nos dois casos, gradualmente, ao longo de um *continuum*, o que pode nos revelar estágios pelos quais a língua está passando.

No entanto, justamente por seu caráter dinâmico, um dos obstáculos mais perturbadores dos considerados verbos auxiliares é perceber que, em alguns casos, estes não são nem claramente lexicais, nem claramente unidades gramaticais. Porém, uma das soluções que tem se visto é a busca por funções abstratas que são utilizadas para qualificar situações verbais com



referência aos seus contornos temporais e ao tipo de realidade a que esses contornos estão associados (HEINE, 1993), como veremos ao longo do texto.

Isto posto, nosso objetivo é apresentar uma síntese do que se tem entendido por verbo auxiliar e elencar os principais critérios utilizados para a identificação deste como em algumas pesquisas linguísticas (REIS, 1972; LOBATO, 1975; ILARI, 1979; LONGO, 1990; DECARIS, 1997) de diferentes perspectivas teóricas no Brasil (formalista e funcionalista). Logo, o texto está dividido do seguinte modo: após retomarmos algumas discussões que subjazem a gramaticalização de verbos auxiliares (discussões essas pautadas pelo ponto de vista funcionalista), apresentaremos os principais critérios utilizados por pesquisas brasileiras para se classificar um verbo do Português quanto a sua funcionalidade (lexical/pleno ou gramatical/auxiliar). Seguimos, por fim, para as nossas considerações finais, que apontam e reforçam a heterogeneidade ordenada, inerente às línguas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

## 2. GRAMATICALIZAÇÃO E VERBOS AUXILIARES

De acordo com Heine (1993), o mundo humano fornece o mais óbvio modelo para expressar conceitos abstratos, os quais tem uma origem na concretude do mundo humano. Assim, o processo de gramaticalização consiste em um tipo de metáfora, que caminha gradualmente do elemento mais concreto para o mais abstrato.

Em tal esquema, os itens acabam por perder sua associação com o mundo dos humanos a medida que se gramaticalizam. Estão previstas, nesse processo, três fases, que integram a relação entre os verbos e seus complementos: (i) a conceitual, cuja forma apresenta o conceito mais concreto, relativo ao movimento físico (*João vai à padaria todos os dias*); (ii) a de ambiguidade, resultante da dinamicidade da situação (*João vai à padaria comprar amanhã*) e (iii) a de conceito mais abstrato, cujo assunto pode não estar mais associado aos referentes humanos e o verbo adquire função gramatical (*João vai comprar pão amanhã*). Vemos que, na primeira fase, a noção de deslocamento no espaço é a que está associada ao verbo *ir*, enquanto na fase (ii), embora haja o deslocamento no espaço (*ir à padaria*), há também um deslocamento no tempo, associado ao uso de *comprar pão* (amanhã). Além disso, há a possibilidade de outra interpretação (*João se deslocará até a padaria, amanhã, com o objetivo de comprar pão*). Já em





(iii), o verbo *ir* perde a noção de deslocamento no espaço, imprimindo especialmente a noção de deslocamento no tempo. Isso é tão verdade que João pode comprar pão sem, entretanto, se deslocar até a padaria, pois a ação em evidência é o ato de comprar. Em construções como *João vai gostar daquela padaria*, essa interpretação fica ainda mais clara, pois não há nenhuma ideia de deslocamento no espaço. Diferentemente, a futuridade e a modalidade é que ficam em evidência com o verbo *ir* nesse caso.

Por envolver experiências humanas básicas pertencentes ao domínio biossocial, os verbos se distribuem ao longo de uma cadeia. A depender do escopo que estes abrangem na cadeia TAM (tempo, aspecto e modalidade), eles serão mais ou menos gramatical: “um ‘bom auxiliar’ é verbo em alguma extensão e é usado para colocar a situação descrita na frase com referência ao dêitico tempo, atribuir um contorno temporal a ele (aspecto), ou para avaliar a sua realidade (modalidade)” (HEINE, 1993, p. 27).

Todavia, para Longo (1990, p.194), de todos os verbos utilizados no Português Brasileiro para expressar as noções de modo, aspecto, voz e tempo, *ir* é, sem dúvida, o que apresenta maior variedade de empregos, de tal modo que às vezes se torna difícil delimitar com precisão a categoria que está sendo expressa. Assim, é preciso um estudo aprofundado para que capturemos o estágio em que se encontra essa forma.

As três fases que vimos acima fazem parte do nível semântico da língua, pois há, como vimos, a desemantização da forma verbal, comumente chamada também de branqueamento semântico, que consiste na perda de conteúdo lexical, biossocial. Entretanto, além dos aspectos ligados ao nível semântico, o processo de gramaticalização envolve outros níveis da língua, como o morfossintático, dada a descategorização, termo cunhado por Hopper e Thompson (1984), que consiste na neutralização de marcadores morfológicos e de preferências sintáticas, cujas formas verbais acabam por assumir atributos característicos de categorias secundárias (como adjetivo, preposição, etc.); o morfofonológico, em que o verbo se transforma em um apêndice do complemento/verbo principal e, ocasionalmente, também de algum outro constituinte, e o nível fonético, que prevê mudanças no material fônico das formas, como a erosão, por exemplo.

Heine (1993, p. 40) propõe sete fases para o processo de gramaticalização como um todo, sendo essas:

1- o verbo tem seu significado lexical completo e o complemento normalmente se refere a um objeto concreto:





- a. *Judy is at the station.* (locativo)
- b. *The train came from Hamburg.* (movimento)
- e. *He took that train.* (ação)
- d. *My friend needs a ticket.* (esquema volitivo)

2- o verbo ainda é um lexema ou verbo completo

- a. *He avoided getting caught.*
- b. *He regretted embarrassing me.*

3- quase-auxiliares, semi-auxiliares ou *catenative*.

- a. *Rachel has to have a new flat.*
- b. *He is to be here by noon.*
- c. *Desmond keeps keeping dogs.*

4- o verbo tende a perder sua capacidade de formar imperativos, de ser nominalizado ou de ser passivizado.

*Er wird stark. "He is going to be strong."*

5- o verbo perde sua capacidade de ser negado. São itens híbridos.

Verbos modais do inglês como *can, may, should, would*, etc.

6- restam relíquias morfossintáticas que ainda são indicativas da estrutura original.

7- afixos e inflexões

Os verbos auxiliares, por sua vez, são verbos em seus próprios direitos, mas em outras construções, e são oriundos de forças cognitivas que causam efeitos sobre a forma. Heine (1993) nos ensina que uma perspectiva diferente emerge quando se analisa os auxiliares em termos da dinâmica que dá origem a eles, especialmente quando os interpretamos como produtos de gramaticalização.

Para Kuteva (2001), os verbos que passam por um processo que "transforma" a estrutura lexical em uma estrutura gramatical possuem alterações morfossintáticas, semânticas e fonológicas. Tal processo é chamado de "*auxiliation*" e não envolve tão e somente formas de palavras isoladas. Assim, um dos denominadores comuns dos estudos linguísticos na identificação da auxiliaridade tem sido analisar as formas dentro de seu contexto de uso, aplicando testes com base nesses contextos, como veremos a seguir.

### 3. CRITÉRIOS ADOTADOS EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE UM VERBO AUXILIAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO



Selecionamos alguns estudos que se mostram representativos para o estudo da auxiliaridade verbal na linguística brasileira (REIS, 1972; LOBATO, 1975; ILARI, 1979; LONGO, 1990; DECARIS, 1997). Embora alguns desses trabalhos tenham amparos teóricos diferentes um dos outros, principalmente em se tratando do funcionalismo e do formalismo, os testes empregados se detiveram, em sua maioria, nas restrições contextuais que subjazem ao uso de um auxiliar.

Em geral, encontramos nos estudos as seguintes características associadas aos verbos auxiliares no Português Brasileiro:

### Ação atribuída a um único sujeito

Eu **mandei** ele **entrar** na sala (dois sujeitos)  
 Maria **vai entrar** na sala (um sujeito)  
 ? Eu **mandei entrar** na sala o João

**Desdobramento da ação** - As formas auxiliares impossibilitam a presença do complementizador *que* ou *se*

Ela imaginava **poder comprar** casa  
 Ela imaginava que **poderia comprar** a casa  
 Ela **acabava de comprar** a casa  
 Ela **acabava de que comprar** a casa\*

**Sem restrição de seleção verbal** - Não há papéis temáticos em verbos auxiliares (agente, tema, meta etc.), visto que, nesses casos, os papéis temáticos ficam para as formas nominais. Sendo assim, os auxiliares podem aparecer com quaisquer verbos e com quaisquer sujeitos.

**Fui**           daqui           até sua casa  
 (Sujeito + animado) (origem)           (meta)  
 O sono **foi** chegando aos poucos  
 (Sujeito menos animado)

**Apassivação** – Se o verbo for auxiliar, ele entra na transformação estrutural e a equivalência entre as frases é mantida.

Você nunca **vai encontrar** as respostas  
 As respostas nunca **vão ser encontradas** por você. (equivalência)  
 Você **quer encontrar** as meninas.  
 As meninas **querem ser encontradas** por você. (alteração)

**Carência de Imperativo e uso de advérbio** - Impossibilidade de auxiliar ocorrer antes do imperativo e seguido por adjunto adverbial de lugar (se o verbo ir, por exemplo, combina-se com isso, ele estará indicando deslocamento e, portanto, será pleno.)

**Vá fazer** a lição!  
**Vamos** ao mercado **fazer** compras.

**Pronominalização** - Impossibilidade de substituição da forma nominal por elemento pronominal



Ela pensou que eu quisesse **comprar** a casa  
 Ela pensou que eu **o** quisesse  
 Ela pensou que eu quisesse **isso**.

Ela pensou que eu estivesse **brincando**  
 Ela pensou que eu **o** estivesse\*  
 Ela pensou que eu estivesse **isso**\*.

**Incidência de negação** - com auxiliares não há a possibilidade de inserção da negação antes da forma nominal.

Eu **vou comprar** um carro  
 Eu não **vou comprar** um carro  
 Eu **vou não comprar** um carro\*.

Ela **pode mandar** cartas a você  
 ? Ela **pode não mandar** cartas a você

**Incidência de circunstância temporal – a alteração da ordem do circunstanciador não deve alterar o referente.**

Ontem, me **mandaram ir** embora. [circunstanciador recai sobre a ação mandar]  
 Me **mandaram ir** embora hoje. [circunstanciador recai sobre o verbo ir]

Amanhã **vai chover** [circunstanciador recai sobre chover]  
**Vai chover** amanhã [circunstanciador recai sobre o amanhã]

Vemos, pelos exemplos, que os verbos modais seriam considerados auxiliares pelo critério “desdobramento da ação”, mas poderia não ser pelo critério de “incidência de negação”. De fato, não há um consenso entre os estudos acerca do estatuto dos modais.

Lobato (1975), por exemplo, considera os modais como auxiliares, Roberts (1992), segundo Decaris (1997), distingue os verbos auxiliares lexicais dos funcionais, classificando os modais como auxiliares lexicais e Longo (1990) considera-os como verbos plenos.

A seguir, trazemos um quadro com uma síntese de critérios adotados em cada trabalho.

**Quadro 1** – Síntese de critérios da identificação de auxiliares

	ILARI (1979)	LONGO (1990)	DECARIS (1997)	LOBATO (1975)	REIS (1972)
Oposição à perífrase (fizera, tinha feito)	+		+		
Ação a um único sujeito	+	+	+	+	
Desdobramento da oração		+	+	+	
Carência de imperativo		+	+	+	
Pronominalização		+		+	
Falta de restrição de seleção verbal		+		+	+
Apassivação				+	+
Incidência de negação		+		+	+
Incidência de circunstância temporal		+		+	





#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de os verbos auxiliares poderem ser analisados sob a ótica da gramaticalização reforça a dinamicidade linguística, pois, vista como um processo, em momento algum é estática ou categórica. Pelo contrário, a gramaticalização se dá ao longo de um *continuum*, como vimos.

Em se tratando dos critérios adotados no Português Brasileiro para a detecção dos auxiliares, vemos que esses se referem, principalmente, a restrições estruturais que se encontram na passagem de um verbo pleno para um auxiliar, principalmente os trabalhos de cunho mais formalista (LOBATO, 1975; LONGO, 1990). Entretanto, esses critérios podem ser vistos como forma de auxílio para que captemos o estágio pelo qual uma forma está passando, na medida em que, quanto mais critérios as formas preencherem, mais auxiliar ela será, portanto, mas gramaticalizada estará.

Por conseguinte, a discussão do presente texto pretendeu reforçar o fato de a análise de formas verbais auxiliares (ou mais gramaticais) na língua não se mostrar tarefa simples. Pelo contrário, exige critérios que leve em conta diferentes níveis de análise (fonológico, morfológico, sintático e semântico). Apoiamo-nos em Heine (1993) quando este diz que embora não haja consenso entre os estudiosos da linguagem acerca de certas nomenclaturas de elementos previstos no processo de passagem de uma forma plena para uma forma gramatical, há denominadores comuns que prevalecem nesses trabalhos desde o século XIX, como o fato de estes (i) descreverem a gramaticalização como um processo dinâmico e não como produto de um estado ou da tradição histórica; (ii) analisarem a linguagem não como um sistema fechado, autocontido, mas como entidade moldada por fatores externos, tais como as forças cognitivas, a manipulação pragmática, histórica etc. e, em consequência disso, (iii) reconhecerem que apenas variáveis linguísticas não explicam satisfatoriamente os processos pelos quais a língua passa.

Por fim, acreditamos que mais trabalhos acerca da gramaticalização de formas verbais precisam ser realizados no português, para que consigamos aliar explicar com exatidão e consistência os padrões fluidos de uso da língua, característica inerente às línguas.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DECARIS, H.C.S.G. **O Futuro e sua expressão pela perífrase IR + Infinitivo**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP/FclAr). Araraquara, 1997.
- DIK, C. S. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht, Holland ; Providence, U.S.A. : Foris Publications, 1989.
- HEINE, B. **Auxiliaries. Cognitive Forces and Grammaticalization**. New York: Oxford University Press. 1993.
- HOPPER, P. J., & THOMPSON, S. A. **The discourse basis for lexical categories** In: Universal grammar. HOPPER, P. J., THOMPSON, S. A. New York. 1984.
- \_\_\_\_\_, TRAUGOTT, E. T. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, revised 2nd edition, 2003.
- ILARI, R. **Roteiro Prévio para o Estudo de Expressões Temporais em Português (mimeo)**. Campinas: Unicamp, 1979.
- KUTEVA, T. **Auxiliation. An enquiry into the nature of grammaticalization**. New York, Oxford University Press, 2001.
- LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade In: LOBATO *et al.* **Análises Lingüísticas**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes. 1975, p. 27-91..
- LONGO, B. N de O. **Auxiliaridade e a Expressão do tempo em Português**. 1990
- REIS, A. S. **A perífrase verbal Portuguesa (Introdução ao estudo da sua estrutura e função)**. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 1972.
- WEINREICH, W; LABOV, W; HERZOG, M. (1968). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em 17 de julho de 2017

Aprovado em 04 de agosto de 2017

